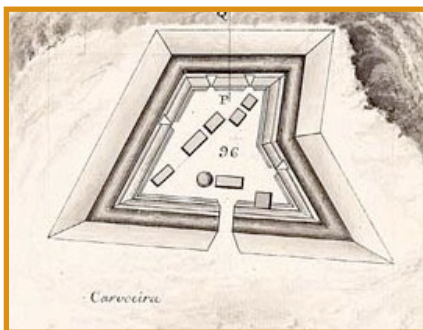


Forte da Carvoeira (Obra militar n.º 96)
Reduto munido de 3 bocas-de-fogo (calibre 12).
Guarnição de 280 homens.

O **Forte da Carvoeira** apresentava uma planta aproximadamente trapezoidal e quatro canhoneiras. Estão documentados seis traveses, um dos quais protegendo a entrada. Atualmente é apenas possível observar parte do fosso, na sua vertente Este, (observação confirmada com a planta desta obra militar, cedida pelo Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar / DIE).

Todo o interior do forte foi terraplanado. Tal como o Forte do Zambujal, O Forte da Carvoeira defendia o vale da Senhora do Porto (ou Senhora do Ó) e a Estrada da Carvoeira.

(Este forte não será visitável pois dele pouco resta)



Forte de São Julião (Obra militar n.º 97)
Reduto munido de 2 bocas-de-fogo (calibre 12).
Guarnição de 350 homens.

O **Forte de São Julião** apresenta planta em estrela tipo Vauban, com estrutura em terra. Estão documentadas quatro canhoneiras e cinco traveses, um dos quais, posicionado na entrada.

Apresentava ainda um mastro de sinais inserido no sistema de comunicações das Linhas de Torres, sendo provável que a verga fosse rotativa para comunicar para Norte (Forte da Lagoa, 80), para Este (Forte do Sonível, 77) e possivelmente para Oeste, comunicando com a esquadra inglesa que poderia fundear no Atlântico, junto à praia de São Julião.

O Forte de São Julião, em articulação com os restantes redutos da Carvoeira, tinha como objetivo cobrir a retirada pela Foz do Rio Lizandro e a estrada da Carvoeira. (Texto Paulo Fernandes)

Textos de **Marta Miranda**

13^a MARCHA DOS FORTES®

14 de outubro 2017

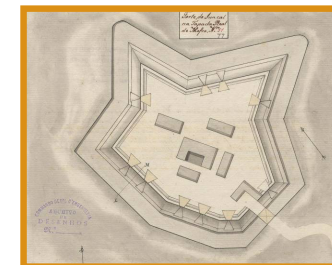
As Linhas de Torres Vedras

A ameaça das invasões francesas de Napoleão ao território português no início do século XIX conduziu à engenharia das Linhas de Torres Vedras, um circuito fortificado que protegeu Lisboa contra as investidas das tropas de Bonaparte, que procuraram furar o cerco rumo à capital.

Foram desenhadas 152 obras militares na periferia lisboeta, divididas em quatro "linhas" e o concelho de Mafra foi um dos principais laços agregadores deste sistema defensivo, encontrando-se aqui 43 fortificações. Com o Atlântico no horizonte, a proteção das praias de São Julião e Foz do Lizandro, bem como as suas estradas, foi vital no apoio às forças inglesas.

Forte do Juncal (Obra militar n.º 77)
Reduto munido de 4 bocas-de-fogo (calibre 12).
Guarnição de 380 homens.

O Forte do Juncal apresenta uma planta em estrela, tipo Vauban, com a escavação na rocha do fosso exterior. Regista a presença de 4 traveses, paiol e 9 canhoneiras. A entrada apresenta uma defesa em cotovelo



O Forte do Juncal insere-se na 2.ª Linha, situando-se no centro de um complexo conjunto de redutos (19) que controlavam as estradas e outros acessos até ao nó de Mafra. Esta complexidade e concentração de redutos apenas tem paralelo em Montachique e Calhandriz.

Encontrava-se em apoio mútuo ao Forte do Sonível (77), situado a 1500 m e que dispunha de Mastro de Sinais, ao Forte da Paz (86) e ao Forte do Pinheiro (87)

Abandonada a função de fortificação, a área do Forte do Juncal manteve-se em utilização militar (até 2008), constituindo o caso único no conjunto das Linhas de Torres.

Em finais do século XIX, no âmbito das campanhas de África, a região da Carreira de Tiro e do Juncal foi preparada para a execução de tiro com a nova arma: a metralhadora.

Nos pós Grande Guerra (1914-18) foram construídas nas vertentes Norte do Juncal complexas organizações de terreno que reproduziam com rigor os sistemas de trincheiras que caracterizaram aquele conflito.

No decurso da Guerra do Ultramar (1961-1974), a Tapada passou a ser utilizada para o treino de ações de tipo contra-guerrilha e em particular a região do Juncal, como ponto de referência para a realização de tiro de morteiros pesados.

No século XXI, serviu ainda de área de treino, preparando para campanhas no Afeganistão.

organização



Penedo do Lexim

Antiga chaminé vulcânica do complexo vulcânico de Lisboa, o Penedo do Lexim apresenta uma monumentalidade natural, quase como um castelo de penedos.

Esta elevação implantada junto à Ribeira de Cheleiros (atual União das Freguesias de Igreja Nova e Cheleiros), foi escolhida como espaço habitacional durante milénios, constituindo um dos mais significativos sítios arqueológicos do concelho de Mafra.

O património geológico, arqueológico e natural presente no Penedo do Lexim fundamenta a sua classificação como Imóvel de Interesse Público desde 1975.

Neste local encontram-se registadas fases de ocupação de diversos períodos cronológicos desde o Neolítico (4000 antes de Cristo) até à época Romana.



Há cerca de 5000 anos no Penedo do Lexim instalou-se um grupo de pastores e agricultores que deixaram significativos vestígios da sua ocupação: artefactos do quotidiano (olaria, pedra lascada e polida, osso trabalhado, metal e restos de alimentação), áreas habitacionais (cabanas) e estruturas defensivas.

Este “castelo natural” rodeado de penedos foi fortificado com muralhas, constituindo-se como um exemplo das primeiras arquiteturas defensivas que surgem no 3.º milénio a. C. em toda a Península Ibérica.

Muitos são os materiais que desapareceram sem deixar vestígios, outros, felizmente, mantêm-se praticamente inalterados, resistindo à passagem do tempo.

E fazer surgir a “aldeia” calcáltica do Penedo do Lexim diante dos nossos olhos, através dos artefactos recuperados pela Autarquia de Mafra, é o objetivo de uma exposição patente no Museu Municipal Prof. Raul de Almeida, intitulada

“**Em busca do Passado**”, para a qual convidamos todos os participantes da 13.ª Marcha dos Fortes.

Aldeia da Mata Pequena

Uma dezena de habitações compõem este pequeno povoado rural, feito de paredes caiadas e de pavimentos em lajedo de pedra.

A Aldeia da Mata Pequena é um paraíso que convida ao descanso e ao contacto com a natureza às portas de Lisboa. Trata-se de um tesouro da arquitetura tradicional da região saloia, em plena Zona de Proteção Especial do Penedo do Lexim, que os trabalhos de recuperação fizeram questão em preservar. Para quem passeia ou fica hospedado na Aldeia da Mata Pequena a sensação é a de estar num museu a céu aberto, onde o modo de vida do antigamente se mantém preservado através dos cheiros, das cores e das tradições. As casas que aqui encontra são disso o melhor exemplo, resultado de muito trabalho de pesquisa e recolha que conquista cada um dos visitantes.

Coordenadas GPS:N 38° 53' 43.63" W 09° 19' 11.63"
Mais informações em <http://aldeiadamatapequena.com>



Ponte Medieval

Imóvel de Interesse Público, 28/82, DR 47, de 26-02-1982

A ponte gótica foi o principal vetor de desenvolvimento da localidade, na medida em que permitia o controlo sobre pessoas e produtos que se deslocavam nesta parcela de território.

Construída nos séculos. XIII-XIV, eventualmente substituindo ou reaproveitando uma antiga passagem de origem romana, compõe-se de amplo arco de volta perfeita, sobre o qual se lançou um tabuleiro de cavalete de dupla rampa, como foi frequente na Idade Média. É possível que seja contemporânea da primitiva igreja matriz da localidade, mas foi objeto de muitas campanhas de consolidação, a última das quais nos anos 80 do séc. XX.

Chegámos a um elegante mas pequeno lugar chamado villa-Chilleiros, localizado numa ravina profunda, banhado no Inverno por um pequeno riacho; aqui, uma alta ponte de pedra reduz na prática a profundidade e inclinação da estrada

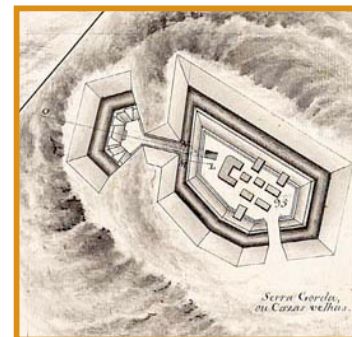
George Landmann, 1818

(Texto Paulo Fernandes)

O Circuito da Carvoeira

O conjunto das obras militares da Carvoeira constitui o núcleo mais a Sul de toda a 2ª Linha Defensiva. Integra o Forte do Zambujal (95), o Forte da Carvoeira (96) e o Forte de São Julião (97).

Este núcleo tinha como objetivos estratégicos a defesa das praias do Lisandro e de São Julião, apoiando a frota inglesa e o controlo da estrada entre Ericeira e Sintra.



Forte do Zambujal (Obra militar n.º 95)

**Reduto munido de 2 bocas-de-fogo (calibre 12).
Guarnição de 250 homens.**

O **Forte do Zambujal** apresenta uma planta composta, constituída por reduto central e bateria avançada, correspondendo a uma das mais complexas construções da 2ª Linha.

A entrada do forte seria efetuada através de uma ponte de madeira amovível, dando acesso ao reduto central, onde se manteria a maior parte da guarnição.

Esta estrutura encontra-se rodeada por fosso, com as paredes internas revestidas de muros de alvenaria, num sistema de construção que combinava rocha, construções em pedra e em terra. Nesta área conservava-se ainda o paiol (subterrâneo), bem como estruturas de proteção do fogo inimigo (traveses).

A ligação à zona da bateria é efetuada por um túnel escavado na rocha. Conservam-se ainda parte dos degraus originais, estando a área preparada para visita. Esta estrutura é única no conjunto das Linhas de Torres, bem como o acesso muralhado que dá acesso à bateria. Esta estrutura combina escavação da rocha com muralha em pedra, constituindo um dos elementos mais monumentais desta obra.

Direcionada aos pontos de controlo e defesa do Forte do Zambujal encontrava-se a bateria, onde se colocavam as duas peças de artilharia que estariam atribuídas ao forte. Esta estrutura encontrava-se também rodeada por fosso e estava ligada ao acesso por uma paliçada, detetada nas escavações arqueológicas. A área onde se colocavam as peças de artilharia estava preparada com 4 estruturas de canhoneira, construídas na muralha e uma plataforma em madeira também detetada nas intervenções arqueológicas.

O Forte do Zambujal defendia o desfiladeiro de Fonte Boa da Brincosa, o vale da Senhora do Porto (ou Senhora do Ó) e a Estrada da Carvoeira.